



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM MEIOS DE PUBLICAÇÃO DO IF GOIANO

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo, a partir desta data, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar, gratuitamente, através dos seus meios de publicação (na forma digital ou impressa), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o material bibliográfico, resultante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a fim de publicação da produção científica brasileira.

1. Identificação do material bibliográfico: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC):

Monografia Artigo Científico.

2. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC):

Nome completo do(a) autor(a): *Kaddy - Anne de A. do Vale*

Título do trabalho: *Aprenda a ler Lincoln: Indícios como recurso na aprendizagem de leitura*

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a publicação, torna-se imprescindível o envio do arquivo em formato digital na extensão .pdf e .xls ou .xlsx do trabalho.

Local, 21 de 09 de 2022.

Kaddy - Anne de A. do Vale
Assinatura do(a) autor(a)

¹ Neste caso o documento ficará embargado por até um ano, a partir desta data de defesa. A disponibilização poderá ainda ser realizada em qualquer tempo, assim como a extensão do embargo (esta carece de justificativa), desde que solicitadas por escrito junto à Coordenação do curso. Os dados do trabalho não serão disponibilizados durante o período do embargo.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -

Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância



Anexo II

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Ao(s) 25 dia(s) do mês de outubro de dois mil e vinte e dois, às 20:00 horas e 00 minutos, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: Rosalina Aparecida Borges (orientador), Débora Carla de Souza Carvalho (membro), Elaine Gonçalves de Souza Oliveira (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado “Aprender a ler brincando: o lúdico como recurso na aprendizagem da leitura” do(a) estudante Laddy Anne de Alcântara do Vale, Matrícula nº 2018201221350262 do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. A palavra foi concedida ao(a) estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição do(a) candidato pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela **APROVAÇÃO** do(a) estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Orientador/Presidente da Banca

Membro

Membro

Acadêmico

APRENDER A LER BRINCANDO: O LÚDICO COMO RECURSO NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

Laddy Anne de Alcântara do
Vale¹Rosalina Aparecida
Borges²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo ressaltar a importância do lúdico como ferramenta para o ensino da leitura, reconhecendo-se que as dificuldades de aprendizagem de leitura surgem com mais ênfase nos anos iniciais da escolarização. E, ainda, considerando que o professor tem reservas diante da utilização dos recursos pedagógicos lúdicos insistindo em metodologias, mesmo concebendo que o desenvolvimento da criança depende sumariamente de incentivos motivadores. Os estudos mostram a relevância da ludicidade já que proporciona muitas maneiras de levar a criança a aprender de forma motivada e significativa. Este trabalho proporciona uma leitura significativa sobre a utilização do lúdico na educação, tendo como base uma pesquisa bibliográfica, em que autores apresentam estudos importantes sobre esta temática. No teor do presente estudo é possível fazer uma reflexão sistemática sobre a ludicidade, além de saber sobre algumas contribuições científicas deste recurso indispensável no campo da alfabetização. Ressalta ainda a necessidade de o professor ter competência para utilizar este recurso onde o planejamento e a base teórica do mesmo devem refletir incisivamente sobre o processo ensino-aprendizagem. No referencial teórico trata-se de eixos temáticos como alfabetização escolar, aquisição da leitura e escrita na alfabetização, a prática docente e os materiais pedagógicos consoantes com a aprendizagem da leitura e o contexto histórico sobre a utilização do lúdico na educação, de forma geral. Destacam-se nesse referencial teórico, as contribuições de teóricos que contribuíram de forma relevante no trabalho como lúdico na alfabetização, sendo eles: Comênio (1592-1670), Rousseau (1712-1778), Montessori (1879-1952) e Decroly (1871-1932). Os resultados mostram que o lúdico é uma possibilidade de auxiliar as crianças com dificuldades de aprendizagem, até mesmo porque muitas vezes essas dificuldades são diretamente relacionadas à maneira como se ensina e como se aprende.

Palavras-chave: Lúdico; Alfabetização; Educação; Aprendizagem; Dificuldades.

ABSTRACT

This article aims to emphasize the importance of play as a tool for teaching reading, recognizing that reading learning difficulties arise with more emphasis in the early years of schooling. And yet, considering that the teacher has reservations about the use of ludic pedagogical resources, insisting on methodologies, even conceiving that the child's development depends summarily on motivating incentives. Studies show the relevance of playfulness as it provides many ways to lead children to learn in a motivated and meaningful way. This work provides a significant reading on the use of play in education, based on a bibliographic research, in which authors present important studies on this topic. In the content of the present study it is possible to make a systematic reflection on playfulness, in addition to knowing about some scientific contributions of this indispensable resource in the field of literacy. It also emphasizes the need for the teacher to have the competence to use this resource where the planning and theoretical basis of the same should reflect incisively on the teaching-learning process. In the theoretical framework, it deals with thematic axes such as school literacy,

¹ Laddy Anne de Alcântara do Vale, discente do curso licenciatura em pedagogia pelo Instituto Federal Goiano Campus Urutaí, leidinha1212@outlook.com.

²Rosalina Aparecida Borges, Historiadora, Pedagoga, Especialista em História Regional e Psicopedagogia Clínica e Institucional e Mestre em História, rosalina-borges@hotmail.com.

acquisition of reading and writing in literacy, teaching practice and pedagogical subjects consonant with learning to read and the historical context on the use of play in education, in general. In this theoretical framework, the contributions of theorists who contributed in a relevant way to the work as playful in literacy are highlighted, namely: Comenius (1592-1670), Rousseau (1712-1778), Montessori (1879-1952) and Decroly (1871 -1932). The results show that play is a possibility to help children with learning difficulties, even because these difficulties are often directly related to the way in which they teach and learn.

Keywords: Playful; Literacy; Education; Learning; difficulties.

1. INTRODUÇÃO

Quando se trata da aprendizagem da leitura, muito se tem o que debater, tendo em vista que esse processo é bastante complexo, ou seja, “a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, [...], do sistema de escrita, etc.” (BRASIL, 2010, p. 54).

Sendo assim, pode-se entender que a leitura não é simplesmente uma forma de extrair informação escrita, pois é um processo ativo de construção de significados, ou seja, “é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem” (SILVA, 2011, p. 23). Isso implica em considerar que para se aprender e desenvolver esse processo é fundamental que se faça uso de algumas ferramentas e/ou instrumentos motivadores, podendo citar a ludicidade.

Como a aprendizagem da leitura está intimamente ligada à alfabetização, a ludicidade vem com a proposta de minimizar as dificuldades que a criança pode ter no início da sua escolarização, ressaltando-se que é no “processo de alfabetização que a criança toma consciência de que as palavras são compostas de fonemas e passa a representar esses segmentos através das letras, ou melhor, dos grafemas” (MORAIS APUD NEUZI, 2006, p. 93).

Noutras palavras, com a ludicidade, a prática da leitura permite a criança “entrar em outros mundos possíveis. [...] indagar a realidade para compreendê-la melhor. [...] se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer (LERNER, 2002, p. 73). Assim sendo, este ensaio teórico visa mostrar a importância e a necessidade do lúdico no processo de aprendizagem da leitura no início (e durante) toda a escolarização.

Entende-se que seria a adoção de uma proposta de se construir um espaço, meios e tempo para que a criança se alfabetize através de atividades que lhes permita diferentes maneiras de atingir o aprendizado da leitura e escrita. A adoção dessa proposta vem fechar a

lacuna que existe no processo de alfabetização que, muito seriamente, sofreu e sofre raros avanços no ensino da leitura e da escrita.

Ao avaliar a necessidade de uma postura interdisciplinar para entender as dificuldades, e de forma mais incisiva, a não aprendizagem da leitura, acredita-se que a alfabetização possa ser construída através de atividades que permitam a criança comparar e reformule suas hipóteses, desenvolva habilidades e interação social. Nesse contexto entram as atividades lúdicas como um instrumento pedagógico que alcance o sistema de leitura e escrita, entendendo que esse sistema é uma apropriação cultural, que evoluiu progressivamente (BARBOSA e GUIMARÃES, 2009).

Nessa perspectiva, a problemática que se levanta é: como os jogos e brincadeiras podem servir de ferramenta para o ensino da leitura? Essa problemática considera que não se pode negar a importância do domínio leitura e escrita para o desenvolvimento pessoal, de modo que a escola deve atentar aos anseios e vontades da criança na alfabetização.

Diante dessas constatações, este ensaio teórico tem como objetivo analisar as contribuições da ludicidade para a alfabetização e, muito especificamente, para a aprendizagem da leitura. Para tanto, deverá se embasar num referencial teórico que transita entre 2000 e 2022, tendo em vista que a temática da aprendizagem da leitura é recorrente há muitas décadas.

Nesse referencial teórico trata-se de eixos temáticos como alfabetização escolar, aquisição da leitura e escrita na alfabetização, a prática docente e os materiais pedagógicos consoantes com a aprendizagem da leitura e o contexto histórico sobre a utilização do lúdico na educação, de forma geral. Destacam-se nesse referencial teórico, as contribuições de teóricos que contribuíram de forma relevante no trabalho como lúdico na alfabetização, sendo eles: Comênio (1592-1670), Rousseau (1712-1778), Montessori (1879-1952) e Decroly (1871-1932).

O presente estudo está dividido em tópicos que mostrarão o conceito, histórico e avanços da alfabetização no Brasil; a relação da aquisição da leitura e escrita no recorte da alfabetização; a formação e prática docente no ensino da leitura e escrita e, as implicações da ludicidade no processo de aprendizagem da leitura. A importância desse estudo se justifica na medida em que possa influenciar na prática docente, fazendo com que os professores alfabetizadores consigam auxiliar a criança com dificuldades de aprendizagem da leitura e

escrita, uma vez que fomenta o lúdico como instrumento motivador e catalisador de conhecimentos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL: CONCEITO, HISTÓRICO E AVANÇOS

Segundo Mortatti (2010) a alfabetização escolar pode ser entendida como processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita em língua materna, na fase inicial de escolarização de crianças. Trata-se de uma necessidade para que as crianças, jovens e até adultos sejam inseridos/incluídos no mundo público da cultura escrita e nas instâncias públicas de uso da linguagem.

Quando se fala de alfabetização no Brasil, fala-se de “um processo complexo e multifacetado que envolve ações especificamente humanas e, portanto, políticas, caracterizando-se como dever do Estado e direito constitucional do cidadão” (MORTATTI, 2010, p. 329). Observe que tanto a educação formal quanto a alfabetização são direitos básicos garantidos pela Constituição de 1988.

O que os teóricos lutam para provar é que a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar. Ou seja, para aprender a ler e escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual que abarca a escrita e a forma que ela representa graficamente a linguagem. Assim, existem muitas definições para o termo “alfabetização”, entre eles: “alfabetização – processo de aquisição da ‘tecnologia da escrita’, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita” (MORAIS & ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

É possível, ainda, conceber “a alfabetização como uma construção conceitual, contínua, desenvolvida simultaneamente dentro e fora da sala de aula, em processo interativo, que acontece desde os primeiros contatos da criança com a escrita” (SANTOS *et. al.* 2016, p. 4), sendo preciso enfatizar que o aprendizado da escrita alfabética não se resume apenas a um processo de associação entre letras e sons.

Desse modo, pode-se inferir com base nos estudos de Porrino & Barros (2017, p. 1) que “a alfabetização é um processo complexo que envolve a aprendizagem, não somente

das letras, mas da cultura humana, de uma prática social e da comunicação”. Em outras palavras, é pela alfabetização ou pela habilidade de ler e escrever que a criança pode se comunicar e ter acesso a informação para promover uma participação social efetiva.

Assim, em sendo um processo tão importante e imprescindível para que a criança possa ser ativa socialmente e capaz de exercer a cidadania plena é pertinente dizer que desde 1549, quando se buscava a civilização dos índios, já se introduzia a alfabetização no país, sendo ela vista como um processo de aquisição da leitura e escrita de forma complexa e multifacetada.

Por conta dessas características originaram-se movimentos também complexos, marcados pela recorrente necessidade de mudança, por conta da tensão constante entre permanências e rupturas relacionadas com a hegemonia de projetos políticos e educacionais que trouxessem um sentido moderno para a alfabetização (MORTATTI, 2010).

A título de conclusão, a UNESCO descreve alfabetização como o “conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação; em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades” (UNESCO, 2000, p. 23). Percebe-se que a UNESCO coloca a alfabetização como primordial para as pessoas, sinalizando que esse processo implica nas mudanças não somente individuais, mas sociais e interferem diretamente na sociedade.

Na verdade, muitos são os teóricos que tratam da história da alfabetização no Brasil. Alguns deles, por exemplo, Boto (2011) destaca que a preocupação em estudar a alfabetização advém do fato de esse processo ser um dos objetos mais significativos no campo da educação, alertando para a impossibilidade de pensar o conceito de escola sem considerar a relevância simbólica e pedagógica da leitura e da escrita.

Saviani (2010, p. 166-167), por sua vez argumenta que a alfabetização no Brasil está inserida num sistema de ensino que “[...] não se implantou e o país foi acumulando um grande déficit histórico em matéria de educação”. Mas, felizmente com o surgimento da psicologia, começou-se a discutir o caráter psicológico da criança no processo de alfabetização.

Mortatti (2010, p. 44) afirma que a alfabetização é objeto de debates, ou seja, “empreendida por educadores, essa discussão prioriza as questões didáticas, ou seja, o como ensinar, com base na definição das habilidades visuais, auditivas e motoras do aprendiz”. E, por essa razão, existe o desafio de construir modelos, métodos e concepções que deem conta

de ensinar o processo da leitura e da escrita às crianças, jovens e adultos que ingressavam nas escolas.

Monteiro & Silva (2015), por sua vez, fazem uma leitura diferente do histórico da alfabetização no Brasil. As autoras enfatizam períodos históricos brasileiros nessa leitura:

- a) alfabetização dos Jesuítas no Brasil Colonial (1549-1759);
- b) alfabetização no Brasil Imperial (1808-1889);
- c) alfabetização no Brasil Republicano (1890-1964);
- d) alfabetização no Regime Militar (1964- 1985).

De todo modo, depois dos anos 2000, o país desenvolve programas de alfabetização e, agora esses programas contam com a participação de todas as esferas de governo (federal estadual e municipal).

Em 2007, foi criado o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), onde e quando os governos Municipal, Estadual e Federal firmaram o compromisso com a educação do país contra o analfabetismo (BORDIGNON & PAIM, 2017). As autoras citadas enfatizam, ainda, que em 2012, foi implantado o programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, sendo um plano de governo estratégico e desafiador para os estados e municípios de garantir a plena alfabetização para todas as crianças. O que fica explícito é que a história da alfabetização no Brasil atravessou muitos percalços entre interesses escusos, descasos, retrocessos e recomeços.

O que se tem é que a alfabetização no Brasil caminhou a passos lentos e, muitas vezes foi interpelada por interesses socioeconômicos, Sendo assim, a forma como se concebe a alfabetização em cada época depende das necessidades e urgências deste período histórico. Essa constatação sugere uma reflexão, sabendo-se que “a alfabetização tem constituído uma das questões sociais mais fundamentais por suas implicações político-econômicas e por se evidenciar instrumento e veículo de uma política educacional que ultrapassa amplamente o âmbito meramente escolar e acadêmico” (SMOLKA, 2012, p.16).

Desse modo, apesar dos estudos demonstrarem avanços significativos no processo de alfabetização no país é preciso indagar quais são as perspectivas reais que permeiam as políticas reformistas, quais são os critérios avaliados, e o que significa “qualidade educacional”, sendo que essa qualidade está atrelada aos avanços no processo ensino-aprendizagem na área de linguagens em todos os documentos iniciados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais que definem o quão significativo é o embasamento teórico para desenvolver uma prática adequada em sala de aula que envolva a leitura e escrita.

A leitura, ainda que de forma simbólica, ocorre de forma natural, pois os saberes são repassados pela família e pelas interações sociais, o que caracteriza a língua oral como variável. A escrita, por sua vez, muito principalmente na alfabetização, é apresentada a partir do momento em que o/a aluno/a entra na escola, o que compreende a sua necessidade de aprender suas especificidades e variações (ALBUQUERQUE, 2007). Para a autora acima citada, a instituição escolar deve promover a alfabetização de modo a incentivar a criança a incorporar o hábito da leitura e prepará-la para responder às necessidades sociais da leitura.

2.2 AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA VERSUS ALFABETIZAÇÃO

Antes de falar da aquisição da leitura e da escrita no contexto da alfabetização, é pertinente mencionar que algumas práticas pedagógicas voltadas à concepção tradicional e autoritária de ensino não contribuem significativamente para que as crianças façam uso dessas habilidades de forma autônoma e crítica nos diversos contextos sociais.

Brasil (2010), por sua vez, orienta que válidas são as discussões sobre como orientar o trabalho junto aos iniciantes na escola, assegurando a eles/elas práticas que prevejam formas de garantir a continuidade no processo ensino-aprendizagem de modo que estes sujeitos façam uso da leitura e da escrita, operando de forma significativa no que tange a transformação de seu entorno social.

Quando se trata das habilidades da leitura e escrita, é pertinente argumentar que a escrita faz uso da língua nas diferentes atividades humanas, Marcuschi (2008) esclarece que quando a criança chega à primeira etapa da Educação Básica, no mínimo, ele deve dominar as habilidades de ler e escrever. No que se relaciona à materialização dessas habilidades, Souza, Souza, Alves (2010) acrescentam que essa é uma atividade complexa, que envolve a utilização de muitas habilidades que se organizarão para o tratamento de informações gráficas, como decodificação, compreensão e fluência.

Desse modo, no decorrer da alfabetização, o que deverá ser sinalizado é, justamente, a complexidade dessa prática unificada – leitura e escrita - de modo que se possa atribuir propostas e procedimentos que confirmem a compreensão da escrita e a compreensão leitora que transcende a simples habilidade de decodificar e de ler fluentemente, fazendo com que os/as alunos/as absorvam com facilidade e significância a escrita.

Conforme aponta Maia (2018), normalmente a criança ao chegar à escola já domina um pouco da leitura e da escrita, mas mesmo assim sofre com um descompasso entre

o que sabe e a forma como é conduzido o processo de ensino das habilidades. Nessa perspectiva, se a leitura e a escrita são instrumentos importantes para o exercício da cidadania, o ato de ensinar a ler/escrever, deve se configurar como a condição para a formação de sujeitos capazes de se constituírem cidadãos de fato e de direito.

Bordignon & Paim (2015, p. 26027) asseveram que “estudar o processo de aquisição da leitura/escrita é necessário para a escola, enquanto instituição que trabalha nos processos de ensino e aprendizagem, com o objetivo de problematizar/responder aos desafios que se apresentam todos os dias em suas salas de aula”. O que a literatura expressa é que a aprendizagem da leitura/escrita se inicia muito antes de chegar à escola, cabendo ao professor conhecer e compreender como a criança se desenvolve e como ocorre este processo.

Na verdade, a criança precisa estabelecer contato com a cultura letrada, para que possa se constituir cidadão pleno e autônomo. Neste caso, atividades lúdicas e diversificadas devem estar entre as práticas pedagógicas que envolvem a linguagem oral e escrita, pois as crianças possuem dificuldades para se concentrar em uma mesma atividade por muito tempo (CAMARGO, CARDOSO & MONTEIRO, 2020 *on line*).

Isso remete a observar que o processo de apropriação da leitura e escrita não acontece da mesma forma e ao mesmo tempo para toda criança. As habilidades para a escrita e as condições que possibilitam a sua aquisição devem ser compreendidas pelas pessoas que interagem com este sujeito (GONTIJO, 2002).

Entre as alternativas para a realização do processo de aquisição da leitura e da escrita, está a consideração de que “a leitura é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos neurológicos, naturais, econômicos e políticos. [...] corresponde a um ato de compreensão.

É possível enfatizar que na alfabetização, o ensino da leitura e escrita deve ser concernente com as experiências dos/as alunos/as, o que de certa forma, já adentra o conceito de letramento. A atuação docente deve ser pautada nas ações que fazem uso da leitura e da escrita, como habilidades e/ou instrumentos facilitadores de práticas sociais dentro e fora da escola, mesmo que a escola continue sendo o principal gerador de momentos que possibilitem a leitura e a escrita de modo a desenvolver indivíduos alfabetizados e letrados.

2.3 A FORMAÇÃO DOCENTE E OS MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA

Enquanto se pensa a leitura e a escrita como simples práticas da Língua Portuguesa que materializam o conhecimento gramatical e da linguagem, esquece-se de que essas práticas se desenvolvem em uma instituição escolar e estão relacionadas à história dessa instituição, à sua filosofia educacional, às concepções dos sujeitos que a realizam a certas visões pedagógicas etc. (CARVALHO, 2002).

Não são práticas neutras nem isoladas. E o mais relevante, essas práticas estão envolvidas com algumas questões do cotidiano da escola, por exemplo, o que as crianças lêem e escrevem, o que gostam de ler, o que não gostam de copiar, o que o interesse desses sujeitos diz, etc. Essas questões estão relacionadas com a forma de interação entre a subjetividade do professor e as situações de leitura e escrita (CARVALHO, 2002).

Por isso é importante refletir sobre a formação docente e a prática pedagógica que é estruturada a partir de referências ideológicas, sociais e morais de todos os envolvidos no processo educativo. Chartier (2007) explica que refletir sobre os saberes do professor referentes à constituição de um ensino significativo da leitura e escrita significa lançar um olhar reflexivo para as práticas cotidianas que envolvem a escola como um ambiente alfabetizador e letrado, considerando que entre as principais tarefas da instituição escolar está a atribuição dessas duas práticas.

A formação docente nesse caso deve imputar ao professor a função de promover situações desafiadoras em que a aprendizagem de tais práticas e/ou habilidades pelo aluno se concretize. Cabe aqui dizer que as situações desafiadoras se baseiam na relação concomitante entre objetivos de ensino, conteúdos, métodos e materiais didáticos que priorizam a leitura e escrita como fontes prazerosas de aprendizagem.

Chartier (2007, p. 22) assevera que através do material escrito “é possível confrontar o ensino desejado com o aprendizado praticado, passar das teorias pedagógicas ou dos textos prescritivos à sua utilização”. Desse modo, os materiais escritos podem revelar ou trazer as marcas de uma proposta pedagógica desejada pelo professor, como também determinadas práticas de forma específica de apreender o conteúdo proposto.

A autora citada acima explica, ainda, que as práticas pedagógicas de leitura e escrita idealizadas e executadas por um professor com formação docente positiva estão inseridas dentro dos usos de ambas as habilidades na cultura escolar sob uma variedade de

recursos pedagógicos e materiais, podendo destacar além do livro didático: livros de histórias, material pessoal do aluno (caderno, bloco de escrever, lápis, borracha), material de informática, também os cartazes e murais de atividades que estão presentes na sala de aula.

Segundo o MEC (2007) conhecer os materiais pedagógicos de leitura e escrita demanda conhecer primeiro sua utilidade, saber para que servem e como são usados, identificando suas particularidades físicas (tamanho, formato, disposição e organização do texto escrito, tipo usual de letra, recursos de formatação do texto, interação entre a linguagem verbal e as linguagens visuais utilizadas com mais frequência).

Verifica-se aí uma formação e prática docente de leitura e escrita desenvolvida no cotidiano escolar, que permeia todo o material escrito que compõe o espaço físico da escola, acompanhada de um “modo de fazer”, evidenciando a necessidade de se compreender as ações desenvolvidas com e sobre tais materiais pedagógicos.

Entretanto, a formação docente para o ensino da leitura tem que ser próxima do cotidiano escolar, de forma que os professores não escolarizem os materiais pedagógicos deixando de utilizá-los em sua finalidade, fazendo com que os alunos não se apropriem dos usos e funções das habilidades em foco. Portanto, essa formação precisa ser contínua, intensa, reflexiva, problematizadora, seguida de registros escritos, vídeos, fotos na qual sua prática possa ser tematizada, discutida e analisada em diferentes momentos do ensino (COLELLO, 2010).

Goulart (2013, p. 216) explica que a formação docente para esse fim deve trazer para discussão o espaço de ensino como um espaço de relações humanas que “articula diferentes experiências de leitura e escrita com os usos sociais da língua”. Isso porque, “os diversos materiais que compõem o ambiente de alfabetização e de letramento são considerados suportes de escrita, uma vez que são acompanhados [...] por um uso específico de práticas de leitura e de escrita pelos professores” (p.216).

Em síntese, a formação docente e os materiais pedagógicos para o ensino da leitura e escrita devem atingir a aprendizagem da língua em sua dimensão social, cognitiva e estética. Ou seja, é fundamental que se promova uma prática marcada por ações que permitem ao professor “organizar e reorganizar, fazer e refazer um uso distinto do espaço físico, a fim de exercer atividades específicas relacionadas à leitura e à escrita” (GOULART, 2013, p.221), ou seja, formação/atuação docente deve propiciar atuações voltadas para a experiência

significativa de leitura e escrita, marcada pelas interações das crianças entre si, com o conhecimento, com o mundo letrado no qual está inserido e com a sociedade.

2.4 AS IMPLICAÇÕES DO LÚDICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA

A palavra lúdico se origina do latim *ludus* que significa brincar. O lúdico é a brincadeira, é o jogo, é a diversão. Nessa perspectiva, é importante tratar da ludicidade e colocá-la em prática para que a aprendizagem se torne mais atrativa e divertida. O brincar esteve presente em todas as épocas da humanidade, mantendo-se até os dias atuais. Em cada época, conforme o contexto histórico vivido pelos povos sempre foi algo natural, vivido por todos e também utilizado como um instrumento comum caráter educativo para o desenvolvimento do indivíduo. (REVEMAT, 2011).

É importante ressaltar que a educação teve concepções diferentes de acordo com cada tempo, logo o uso do lúdico seguiu essas concepções. Os povos primitivos davam à educação física uma importância muito grande e davam total liberdade para as crianças aproveitarem o exercício dos jogos naturais, possibilitando assim que esses pudessem influenciar positivamente a educação de suas crianças. (REVEMAT, 2011).

Vários teóricos contribuíram para que o lúdico pudesse ser utilizado no processo de ensino e aprendizagem, podendo citar Comênio (1592-1670), Rousseau (1712-1778), Montessori (1879-1952) e Decroly (1871-1932) - citados em Oliveira (2002) e Santanna Alexandre (2011) -. A utilização do lúdico na aprendizagem e/ou educação tem além do objetivo de desenvolver o aprendizado de forma mais atrativa para a criança, buscar o resgate histórico-cultural dessas atividades que são frutos do conhecimento popular, científico, cultural,

No Brasil, a proposta da ludicidade, doravante lúdico, foi abordada seguindo as ideias que o educador Comênio (1592-1670) defendia no século XVIII. Para esse educador “a exploração do mundo no brincar era vista como uma forma de educação pelos sentidos. Daí sua defesa de uma programação bem elaborada, com bons recursos materiais, racionalização do tempo e do espaço escolar” (OLIVEIRA, 2002, p. 64).

Sendo assim é possível entender que as brincadeiras e jogos eram utilizados para estimular os sentidos e com isto fazer com que as crianças pudessem avançar em seu desenvolvimento cognitivo. Outro pesquisador que contribuiu para o incentivo da atividade lúdica na educação foi Rousseau (1712-1778). Para ele as atividades lúdicas deveriam ser aproveitadas no ambiente educacional já que proporcionavam a ideia de liberdade de expressão, utilização da experiência e a emoção como incentivo à aprendizagem (OLIVEIRA,2002).

Maria Montessori (1879-1952) por sua vez, ressaltou de forma ampla e significativa a utilização do brinquedo como instrumento de aprendizagem. Esta educadora também construiu recursos pedagógicos como: “letras móveis, letras recortadas em cartões lixa, contadores e diversos outros instrumentos para levar a criança a aprender de forma lúdica e prazerosa” (OLIVEIRA, 2002, p.74). Sua proposta levava em conta a valorização da criança e a adaptação da escola conforme a faixa etária do educando.

E por fim, Decroly (1871-1932) valorizou na sua pedagogia a atividade lúdica, transformando os jogos sensoriais e motores em jogos cognitivos, ou de iniciação às atividades intelectuais propriamente ditas, priorizando o desenvolvimento da relação nas necessidades da criança, no trabalho e, sobretudo, na reflexão. Muitos outros teóricos defendem o lúdico na alfabetização e em todo o processo educativo, por exemplo, Piaget, Wallon, Dewey, Leif e Vygotsky que estudaram o desenvolvimento cognitivo e suas variantes.

Entretanto, é fundamental que o professor tenha a consciência de que as atividades lúdicas devem ser exploradas quando se quer uma aprendizagem significativa e concreta. Os jogos têm importância expressiva no momento da alfabetização. Conforme aponta Queiroz (2003), esses recursos didático-pedagógicos possibilitam uma aprendizagem eficaz, porque desperta a curiosidade e o prazer em aprender.

Revmat (2011) explica que os jogos auxiliam na educação integral do indivíduo, pois podem dar conta de uma reflexão sócio histórica do movimento humano, oportunizando à criança investigar e problematizar as práticas, advindas das mais diversas manifestações culturais e presentes no seu cotidiano, tematizando-se para melhor compreensão. Portanto, há que se adquirir a consciência que o jogo fornece informações a respeito da criança, suas emoções, a forma de interagir com seus colegas, seu desempenho físico-motor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico, sua formação moral.

Do mesmo modo, as brincadeiras assumem papel importante na alfabetização e escolarização em geral, porque são excelentes recursos para facilitar a participação, integração e comunicação das crianças que encontrarão meios para compreender e expressar-se bem, inclusive na língua padrão, após o domínio das diferentes linguagens e instrumentos (SANTOS, 2021).

A mesma literatura enfatiza que o lúdico na aprendizagem da leitura é necessário para o desenvolvimento sociocultural da criança, pois maximiza a criticidade, a criatividade e a interação social. Portanto, ao utilizar-se de atividades lúdicas o professor propicia à criança oportunidades de interação já que se torna possível expor ideias e avançar para outras áreas de conhecimento devendo-se, portanto, partir do pressuposto de que a definição dos objetivos e conteúdo de ensino tem direta relação com o nível de aprendizagem de cada criança (SANTOS, 2011).

Quando se fala da prática da ludicidade no ensino-aprendizagem da leitura, reporta-se a um tempo em que as escolas enfrentavam certa resistência em relação às tecnologias educacionais. Ainda que de forma meio confusa, essa realidade mudou. Atualmente, muitos recursos tecnológicos como computador, tablets, smartphones, estão sendo inseridos na rotina escolar, permitindo um grande avanço na motivação para a aprendizagem da leitura e escrita.

Essa constatação vai de encontro ao que Delmanto (2009) afirma dizendo que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores, ou seja, estimular leitores críticos, com saberes que ultrapassem a sala de aula, para que saibam lidar com suas especificidades. Ou seja, além de a escola tomar posto da função de subsidiar no ensino da leitura e escrita, o professor deve utilizar e se valer de práticas que projetem nas crianças o desejo de ler e escrever.

Simões (2012, p. 14) assevera que “se queremos formar cidadãos críticos, temos que acolher, praticar e desenvolver a participação criativa, crítica e atuante nas nossas próprias salas de aula como espaços de ação social democrática”, sendo imprescindível oferecer às crianças um ponto de partida para a promoção do hábito e prazer da leitura. Nesse contexto se encaixa o lúdico, que tem uma gama significativa de propostas metodológicas compiladas de vários estudos (quadro 1) com o objetivo de maximizar o aprendizado da leitura por meio do lúdico se valendo das novas Tecnologias da Informação e Comunicação.

Quadro 1 – Propostas metodológicas lúdicas para a aprendizagem da leitura

Tipo de jogo ou brincadeira	Principais características
ABC do Bita	Os personagens infantis que toda criança adora são ótimos aliados para ajudar na aprendizagem, por exemplo, o aplicativo ABC do Bita, propostos nos jogos. O personagem Bita ensina crianças em fase de aprendizagem as palavras do alfabeto de forma interativa.
Aprendendo o alfabeto (jogo)	Trata-se de um jogo em que a criança deve escolher o objeto que comece com a letra que o aplicativo sugere. O jogo conta com fases que vai deixando a brincadeira cada vez mais difícil
Jogos artesanais	São jogos voltados para a alfabetização que podem ser confeccionados pelos professores ou mesmo pelos próprios pais e cuidadores, sendo uma forma de incentivar as crianças a realizar atividades fora do mundo virtual, haja vista que os contatos excessivos com os dispositivos eletrônicos podem estar relacionados a problemas como atrasos cognitivos, déficit de atenção, dificuldades de aprendizagem, entre outros problemas de natureza clínica, por exemplo, obesidade.
Bingo com classes gramaticais	Este tipo de jogo possibilita o trabalho com as classes gramaticais, além de ser um jogo fácil e interativo porque permite o manuseio das cartelas.
Palavras nos jornais	Trata-se de um jogo que incentiva as crianças a terem mais contatos com a linguagem impressa (jornais, revistas e livros). O professor tem a oportunidade máxima de trabalhar pequenos grupos e listar várias palavras para que as crianças encontrem no material didático, recortem e coleem num mural.
Bingo das sílabas	É um jogo interessante que tem como objetivo fazer com que a criança aprenda a identificar as sílabas e os sons delas. Por isso, devem ser feitas cartelas com elas.

	<p>Decida se o jogo vai seguir uma única vogal — como “ba”, “ca”, “da” — ou variar e usar todas— como “ba”, “de”, “co” e assim por diante. Para começar, basta ir falando as sílabas e os pequenos vão marcar nas próprias tabelas. Quem completar primeiro, grita “bingo!” e vence a partida.</p>
<p>Brincadeira falada ou cantada</p>	<p>As brincadeiras faladas e cantadas promovem o desenvolvimento da oralidade. Esse tipo de brincadeira pode ser realizado em qualquer turma e contém várias sugestões: Algumas sugestões: telefone sem fio, telefone de lata, falar palavras relacionadas dentro de um mesmo tema (por exemplo, a professora começa falando leite, e o aluno precisa falar uma palavra relacionada, como café, e assim por diante), repetir na ordem as palavras faladas (para essa proposta, escolha um tema; depois, alguém começa falando um nome, o segundo fala o nome falado pelo primeiro e acrescenta mais um, e assim continua).</p>

Fontes: <https://www.colegiosaojudas.com.br/jogos-que-ajudam-na-alfabetizacao>
<https://novaescola.org.br/conteudo/21271/sugestoes-de-brincadeiras-para-usar-na-alfabetizacao> Acesso em: 29/09/2022.

Imagens de Propostas Metodológicas Lúdicas para o ensino da Leitura



Fonte: <http://goo.gl/oj6qandroid>



Fonte: <https://www.tudosaladeaula.com/2017/08/bingo-das-classes-de-palavras-aula.html>



<https://www.artesanatoereciclagem.com.br/15112-dica-das-ferias-jogos-criativos-com-artesanato.html>

São muitas as propostas para se trabalhar as dificuldades de leitura e escrita recorrentes na alfabetização a partir do lúdico, porém o bom resultado só é possível se as aulas e atividades forem planejadas de acordo com as dificuldades das crianças. Os autores Luz, Oliveira & Souza (2011) esclarecem que cabe ao professor organizar suas atividades de maneira a qual possibilite ao aluno um aprendizado progressivo, selecionando e utilizando meios mais significativos para realizá-los. Na verdade, o lúdico pode fazer com que as crianças assimilem concretamente seus conhecimentos.

Lombardi & Arbolea (2006, p. 2874) esclarecem que “entre os alunos deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas.” Em outras palavras, as estratégias de leitura são procedimentos que abarcam os conteúdos de ensino, então é

preciso ensinar estratégias variadas para a compreensão de textos. O que implica em recorrer ao lúdico.

3- METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade. Para Fonseca (2002), *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência.

Embora não seja a mesma coisa, teoria e método são dois termos inseparáveis, “devendo ser tratados de maneira integrada e apropriada quando se escolhe um tema, um objeto, ou um problema de investigação” (MINAYO, 2007, p. 44). Lakatos e Marconi (2007, p.80) acrescentam que além de ser “uma sistematização de conhecimentos”, metodologia é “um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com método qualitativo, que é o tipo de método exploratório que auxilia na pesquisa pois mensura, processa e analisa os dados científicos, “atribuindo-lhes valor fundamental no desenvolvimento e consolidação da ciência em diferentes áreas. (OLIVEIRA, 2000 p.52). Este estudo acadêmico preocupa-se em focar a verdadeira importância do lúdico na contribuição da aprendizagem, enfatizando a pluralidade de conhecimentos, em que cada ser deva respeitar e valorizar as potencialidades dos outros.

Para realização do projeto, no primeiro momento foi feita uma revisão da literatura com a finalidade de ampliar conhecimentos sobre o tema, centradas nas contribuições teóricas de vários autores para aprofundar mais sobre o assunto, destacando-se a aprendizagem das leituras por meio de jogos e brincadeiras didático – pedagógicas. Na fase de elaboração desse artigo, pode-se dizer que as estratégias de busca foram realizadas através de leitura concorrente que proporcionam conhecimento científico sobre o tema proposto.

Foram utilizados periódicos científicos disponíveis através de meio eletrônico, pesquisados através dos descritores em Pedagogia que transitam entre 2000 e 2022, que,

necessariamente, pudessem responder à questão norteadora da pesquisa. O trabalho de pesquisa foi realizado nas bibliotecas virtuais e a seleção destes artigos ocorreu através da leitura de todo material, de acordo com as obras que responderam os objetivos desta pesquisa.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na prática cotidiana em sala de aula, é perceptível as dificuldades que muitos alunos apresentam na leitura e na escrita e que se perdura no decorrer dos anos. Percebe-se que os fatores casuais dessas dificuldades são as formas como são trabalhadas as metodologias em sala de aula. Diante dessas reflexões e pela constatação da falta do hábito e prazer pela leitura, o que reflete sumariamente na escrita, surgiu o interesse de identificar formas de elevar o estímulo da criança no sentido de vivenciar práticas de leitura, realmente significativas, dentro e fora da sala de aula.

Dessa forma, ao intensificar os estudos sobre dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, foi possível identificar muitas propostas metodológicas que dão suporte para o professor reverter essa realidade, especialmente no início da escolarização. Dentre essas propostas surgiu a ludicidade, que é um estado interno do sujeito que vivencia uma experiência de forma plena, é sinônimo de plenitude da experiência, considerando aqui “plenitude da experiência” como a máxima expressão possível da não divisão entre pensar/ sentir/ fazer (LUCKESI, 2005).

Assim, em sendo a proposta desse estudo buscar a ludicidade como uma forma mais atraente, capaz de absorver a atenção das crianças como alternativa de aprender a ler brincando e desenvolvendo atividades práticas, foi possível constatar em todos os estudos, pelo menos três pontos-chaves:

- “a alfabetização é o processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita [...]”(MORAIS & ALBUQUERQUE, 2007, p. 15) logo, se trata de um processo complexo e definitivo para o desencadeamento de toda formação acadêmica de um sujeito. Ao falar de “tecnologia da escrita, tem-se que esse processo é composto de dificuldades que o professor deve ajudar as crianças a superar”.

- a prática da leitura e escrita é, também, complexa. E, para compreender as regras que orientam a leitura e a escrita, as crianças precisam desenvolver conhecimentos e

capacidades diversas, relativas ao uso geral da escrita, de forma que cabe ao professor propor observações e reflexões sobre as convenções do sistema de escrita, a partir de metodologias motivadoras e interativas (CARVALHO & MENDONÇA, 2006, p. 20).

- a ludicidade em sendo “sinônimo de plenitude da experiência”, leva as crianças a participarem, interagirem mais e conseqüentemente a aprenderem. É interessante observar que o lúdico deixa os alunos motivados, ou seja, a ludicidade suaviza a aquisição de novos conhecimentos.

De acordo com Cunha (2001), percebe-se a importância do brincar no processo educativo da criança, pois a brincadeira funciona como um “treinamento” para a transformação já que a infância é a fase de experimentação e de conhecimento. Na verdade, o desenvolvimento de atividades lúdicas, promove-se uma melhora no comportamento disciplinar, na participação, no interesse e na interação, imputando-se resultados positivos na aprendizagem de forma geral.

Rau (2007, p. 89) ressalta que “durante a prática pedagógica do jogo, das brincadeiras, o professor pode perceber na criança as relações de envolvimento, autonomia e criticidade, a argumentação, o raciocínio, a memória e a linguagem”. Desse modo, é possível afirmar associando-se a experiências próprias e da vida escolar dos filhos que a prática da leitura sempre foi desvinculada da proposta de formação integral.

Assim, ao retomar a questão norteadora desse estudo - como os jogos e brincadeiras podem servir de ferramenta para o ensino da leitura? – é possível inferir que o desenvolvimento de atividades lúdicas em sala de aula é uma necessidade recorrente, tendo em vista que o lúdico funciona como suporte pedagógico para a aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças.

Pode-se inferir, ainda que ensinar a leitura utilizando os jogos linguísticos (canções, poesias, parlendas, trava-línguas, cruzadinhas, etc.) é um dos caminhos para uma educação participativa, interativa e de qualidade, de modo que cabe à escola proporcionar metodologias lúdicas visando a descoberta, a invenção, a criatividade e a arte de aprender e apreender novos conhecimentos redescobrando o poder do brincar de forma coletiva e individual. Cabe, portanto ao professor, observar as dificuldades encontradas na aprendizagem da leitura e escrita adaptando e ajudar as crianças a superá-las com o suporte do lúdico.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou-se mostrar a importância do lúdico na aprendizagem da leitura e escrita, estendendo-se a compreensão da ludicidade como fator essencial para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e intelectual. Importa, pois, reconhecer que a leitura e escrita são fundamentais para a formação acadêmica do sujeito e, a alfabetização é o pilar dessa formação.

O que ficou evidente é que a aprendizagem da leitura e escrita sempre foi um tema recorrente nos debates relacionados com a qualidade da educação, especialmente, a Educação Infantil. Isso porque, a leitura é um processo complexo, distinto, mas complementar à escrita, o que demanda o uso de diferentes processos cognitivos. Ao retomar o objetivo geral do estudo, tem-se que a ludicidade facilita a criança expressar-se com mais desenvoltura, ouvir e expor suas ideias, concordando ou discordando de outros.

Os estudos realizados permitem inferir que a prática da leitura é mais bem desenvolvida com metodologias atrativas, minimizando-se assim, a memorização que não permite a concretização dos conhecimentos. Desse modo, pode-se dizer que o lúdico contribui para um aprendizado significativo, permitindo que a criança experimente situações, testes hipóteses, amplie sua criatividade e sua relação social, diferentes habilidades e competências.

Diante do exposto pode-se enfatizar que o professor não deve preocupar-se somente com a quantidade de atividades a serem propostas, mas sim, atentar para a erradicação de um trabalho pedagógico mecânico e monótono imposto em sua prática docente por sistemas e políticas de ensino ultrapassadas, devendo ressaltar que não é um trabalho fácil, mas com a proposta lúdica é possível direcionar as crianças a se tornarem protagonistas de seus próprios conhecimentos, despertando-as para o hábito da leitura, induzindo-os a serem leitores ativos, críticos e reflexivos.

As propostas lúdicas não são apenas formas de diversão. São meios significativos de aprender e apreender novos conhecimentos proporcionando aos sujeitos em todos os níveis de escolarização, o prazer de fazer novas descobertas, de forma coletiva e individual, criando, inventando, desenvolvendo a sua capacidade de raciocínio bem como a sua expressão oral e escrita. Portanto, é possível dizer que o lúdico é um potencializador da aprendizagem da leitura e escrita em sala de aula, por meio da descoberta participativa, que por sua vez, é fator fundamental para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente no contexto escolar.

Com os estudos teóricos, os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois se obteve inúmeras informações sobre a contribuição do lúdico, não somente no processo de alfabetização da criança, mas na própria formação do ser humano. Assim, na impossibilidade de esgotar o assunto (dificuldades e não aprendizagem da leitura e escrita), sempre recorrente e inconcluso, cumpre-se o percurso temporal que este estudo se propôs que é identificar as contribuições do lúdico na educação, de forma geral.

Sugere-se, dessa forma, que outras pesquisas sejam efetuadas no campo da alfabetização, a fim de complementarem os resultados obtidos neste trabalho. Mas, é possível concordar com vários autores quando eles sinalizam que através do lúdico e fugindo da rotina daquelas leituras de cartilhas e possível aprender e desenvolver o gosto pela leitura nas crianças e ensinar de forma prazerosa.

É possível constatar que os recursos psicopedagógicos, os jogos e atividades lúdicas baseados nas dificuldades de cada criança, têm um grande potencial enquanto ferramenta para suprir as dificuldades de aprendizagem e que se esta prática for utilizada rotineiramente as crianças terão suas dificuldades supridas. O lúdico é uma possibilidade de auxiliar as crianças com dificuldades de aprendizagem, até mesmo porque muitas vezes essas dificuldades são diretamente relacionadas à maneira como se ensina e como se aprende.

Possibilitar uma forma diferente para a construção do conhecimento faz com que os indivíduos tenham uma condição a mais de aprender é preciso perceber que cada pessoa tem a sua forma de assimilar e o profissional habilitado a auxiliar as pessoas a lidar com as suas dificuldades e também a conduzir o processo de uma forma mais eficaz para que aprendizagem aconteça de fato.

Sendo assim conclui – se que para trabalhar com a ludicidade, o educador deve observar e avaliar seus alunos, para que tome decisões coerentes e que atendam às necessidades das crianças, os resultados obtidos foram satisfatórios nas atividades como leitura, oralidade, produção textual, formulação e resolução de problemas. A leitura sempre deve ser um momento de prazer, mesmo que seja de algo científico. E quanto á criança, ela deve continuar a ser estimulada a desenvolver sua imaginação enquanto lê sozinha ou quando ouve alguém ler para ela.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. de. Conceituando alfabetização e letramento. In: Santos, Carmi Ferraz & Mendonça, Márcia (org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1.ed., 1.reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- BORDIGNON, L. H. C. & PAIM, M. M. W. Alfabetização no Brasil: um pouco de história. In: **Educação em Debate**, Fortaleza, ano 39, nº 74 - jul./dez. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BOTO, C. Apresentação. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011.
- BARBOSA. Maria Carmem. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artemed, 2009.
- CAMARGO, G. CARDOSO, M. V. MONTEIRO, F. M.[on line] **A escrita e a leitura na Educação Infantil: uma perspectiva de letramento**. Disponível em: periodicos.unesc.net > lendu > article > download. Acesso em: 29/09/2022.
- CARVALHO, Cristina. A leitura e a escrita na formação de professores. In: **Teias**. Ano 3, Núm. 5. Rio de Janeiro, jan/jun 2002.
- CARVALHO, N. A. F. & MENDONÇA, R. H. (Orgs.) **Práticas de leitura e escrita** – Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CHARTIER, A. M. **Práticas de leitura e escrita - história e atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- COLELLO, M. G. S. Alfabetização e letramento: o que será que será? In: LEITE, S. A. S.; COLELLO, M. G. S.; AMORIM, V. A. (Org.). **Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2010.
- CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: Um mergulho no brincar**. 3. ed. São Paulo: Vitor, 2001.
- DELMANTO, D. A leitura em sala de aula. In: **Construir Notícias**. Vol.45, p. 24-26. 2009.
- GONTIJO, C. M. M. **O processo de alfabetização: novas contribuições**. 1. ed. SP: Martins Fontes, 2002.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Entre o espaço de ensino e a formação docente: práticas de leitura e escrita. In: **Rev. educ. PUC-Camp**. Vol. 18, Núm. 2. P.211-222 Campinas, maio/ago., 2013.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOMBARDI, R. F. ARBOLEA, T. Estratégias de leitura nos Parâmetros Curriculares Nacionais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA - I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 11, 2006, Uberlândia. XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística - I Simpósio internacional de Letras e Linguística, 2006.

LUCKESI, C. C. **Ludicidade e atividades lúdicas:** uma abordagem a partir da experiência interna. Salvador, 2005.

LUZ, M; OLIVEIRA, M. C. A. R. SOUZA, G. M. R. **Brincar é muito mais do que uma simples brincadeira:** é aprender. In: <
http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5406_2779.pdf >, 2011. Acesso em 29/09/2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos da produção de sentido. 1998.

MEC. Pró-letramento – **Alfabetização e Linguagem** – Programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental. Brasília, 2007.

MINAYO, M. C. S.et. al. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis:Vozes,2007.

MONTEIRO, C. S. & SILVA, M. A. A. **Alfabetização no Brasil:** dos jesuítas ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Dissertação apresentada à Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA – Igarapé-Açu/PA. 2015.

MORTATTI, M. R. L. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos. In: **Revista Brasileira de Educação.** Vol. 15. Núm. 44. Marília/SP: 2010.

MORAIS, J. A arte de ler. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MORAIS, A. G. de & ALBUQUERQUE, E. B. Co. de. Alfabetização e letramento. In: **Construir Notícias.** Vol.. 07 n.37, p. 5-29, Recife/PE, 2007.

OLIVEIRA, C. S. **Metodologia Científica:** planejamento e técnicas de pesquisa: uma visão holística do conhecimento humano. São Paulo, LTR, 2000.

OLIVEIRA, Z. M. R. de (Org.). **Educação infantil:** fundamentos e métodos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PORRINO, R. C. Z. & BARROS, F. C. O. M. **Breve histórico da alfabetização no Brasil e as contribuições de Célestin Freinet.** Publicado em 06/09/2017. Disponível em: https://cic.unifio.edu.br/anaisCIC/anais2017/pdf/09_06.pdf Acesso em 29/09/2022.

RAU. M. C. T. D. **A ludicidade na educação:** uma atitude pedagógica. Ed. Ibplex. 2007.

REVMAT, Vol. 06. Núm.2 p. 19-36. (ISSN 1981-1322). Florianópolis/SC. 2011.

SANTOS, A.C.S. Alfabetização e Letramento: dois conceitos, um processo.2016 pág 04

SANTOS, S. M. P. dos. **O brincar na escola:** Metodologia Lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas/ Santa Marli dos Santos. 2ed. – Petrópolis, RJ: Vozes,

2011. – (Coleção Brinquedoteca).

SANTANNA, A. **A história do Lúdico na Educação**, São Paulo: 2011.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

SIMÕES L. J. **Leitura e autoria**: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura; Edelbra. 2012.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Wagner R. **Resenha - Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, J. A. da. Discutindo sobre leitura. In: **Revista de estudos linguísticos e literários do curso de letras**, UNIFAP, v. 1, n. 1, p. 23, 2011.

SOUZA, R. J.; SOUZA, S. F.; ALVES, A. E. **Estratégias de Leitura e Literatura**: contribuições para a formação da criança leitora. In: LIMA, J. M.; SILVA, D. J.; RABONI, P. C. A. (Orgs.), **Pesquisa e Educação Escolar**: percursos e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP: São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 243-256.

UNESCO. **Conferência Internacional de EJA**. Alemanha, Hamburgo.

